

Com quase trinta anos de história e próximas do seu nono encontro, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) vivem hoje momentos muito especiais dentro do cenário religioso católico. Seja pela necessidade de refletir sobre sua prática, seja para estabelecer novas práticas a partir de mudanças no quadro político, social, econômico e eclesiológico-pastoral. Uma coisa, porém, é certa: as CEBs têm uma contribuição inestimável para a vida das comunidades e dos cristãos em termos de compromisso com as transformações na sociedade. CONTEXTO PASTORAL apresenta um pouco da história das CEBs, seus impasses e desafios, entre eles o ecumênico. Páginas 5 a 9

Desafios das CEBs em tempos neoliberais



Murilo Santos



Douglas Mansur

Direitos humanos

A propósito dos recentes massacres ocorridos no País, CONTEXTO PASTORAL entrevista o arcebispo metropolitano de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, um dos ardorosos defensores dos direitos humanos. Para ele, justiça social e redistribuição da renda no País são caminhos fundamentais para mudar a realidade de violência no Brasil. Página 3.



Douglas Mansur



Douglas Mansur



Douglas Mansur

Entendendo as Comunidades Eclesiais de Base

Falar dos últimos trinta anos da história da Igreja Católica no Brasil significa destacar necessariamente as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Trata-se de uma experiência das mais importantes e com resultados os mais significativos dentre as propostas organizacionais por parte da Igreja, e que nasceu sob a inspiração do Concílio Vaticano II e das Conferências Latino-Americanas de Medellín (1968) e de Puebla (1979).

Com certeza a grande contribuição das CEBs foi a formação de um grupo de leigos populares, consciente e comprometido com a construção de uma nova forma de ser Igreja na sociedade. São pessoas que se descobrem irmãs e que, apesar de marcadas pela exclusão social que experimentam — como a maioria da população brasileira —, apostam num projeto de vida pautado na esperança do Reino de Deus, marcado por justiça, paz e vida digna para todos.

Não obstante a importância da experiência delas, surgem desafios e dificuldades em meio a transformações observadas nos âmbitos eclesiológico-pastorais e à conjuntura de crise no País e na América Latina que devem ser levados em conta.

Um deles refere-se à necessidade de mudança de foco no discurso religioso. Sem abandonar a ênfase profética e de denúncia contra a injustiça e a luta por transformações em nível social, é preciso resgatar a postura que valorize a pastoral da consolação. Isso se deve, especialmente, à situação de desesperança e de falta de perspectivas e de oportunidades que tem atingido grande parcela da população.

Aliado a isso, é importante a valorização do espaço lúdico e celebrativo, que às vezes tem sido secundarizado em favor de uma militância ativista.

Outro aspecto é o relacionado ao ecumenismo. Percebe-se com maior visibilidade o avanço ecumênico, especialmente nos encontros intereclesiais — nos níveis de assessoria e de participação. Todavia, alguns aspectos, como a questão dos ministérios, a ordenação de mulheres, o diálogo com grupos afro-brasileiros e com outros não-cristãos, ainda carecem de reflexões e de posições mais firmes.

Naturalmente, parcela significativa das questões, pastorais ou políticas, advém do contexto de crise, e não podem, porém, jamais ser compreendidas meramente numa perspectiva negativa. Ao contrário, são indicadoras de uma nova etapa de recriação e de aprofundamento dos processos políticos e teológico-pastorais.

Esta edição de CONTEXTO PASTORAL apresenta um pouco da história e das reflexões em torno das Comunidades Eclesiais de Base. Longe de encerrar o tema, o objetivo é, acima de tudo, suscitar um debate sobre uma realidade que tem contribuído para se olhar o compromisso cristão e católico com novos olhos.

CARTAS

Escreva para CONTEXTO PASTORAL
Rua Santo Amaro, 129 22211-230 Rio de Janeiro RJ

Companheiros,

Quero parabenizá-los pelo alto nível editorial do CONTEXTO PASTORAL. Sou assinante há pouco tempo mas já me sinto familiar pois também desfruto da alegria de também ser assinante da revista "Tempo e Presença".

Gostaria de parabenizar especialmente o Marcos Roberto Inhauser pelo excelente artigo "A Igreja no meio da tempestade" (edição n° 30, janeiro-fevereiro/96). A análise foi oportuna e esclarecedora sobre os efeitos de uma "suposta" modernização descomprometida com Deus e com o próximo. Resta-nos acreditar nos valores do Reino de Deus e avançar, permitindo que a justiça social e a práxis evangélica engajada e comprometida sejam levadas adiante, ouvindo o sopro do Espírito e não o sopro dos ventos neoliberalizantes e pós-evangélicos.

Fraternalmente,

Kleber Rodrigues do Nascimento
Paulista/PE

Caros companheiros,

Fiquei bastante feliz por ter entrado em contato com o CONTEXTO PASTORAL. Como proposta de construir uma igreja plural e cristocêntrica, vocês estão de parabéns por assumir tal projeto. Conte conosco como assinante e divulgador de tal proposta ecumênica.

Creio que a partir deste momento da história, todos nós cristãos, indistintamente, devemos dar as mos e lutar contra um inimigo comum, que é o projeto neoliberal, cuja proposta central é a exclusão da maioria da humanidade do direito de viver dignamente.

Lamartine Oscar Veiga
Bragança Paulista/SP

"Fazendo Histórias — As CEBs do Brasil"

As histórias das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), seus primórdios, lutas e martírios, provas de amor-serviço estão contadas no vídeo "Fazendo Histórias — As CEBs do Brasil". Com a colaboração das Comunidades do Maranhão, Bahia, São Paulo, Mato Grosso e Rio de Janeiro, o vídeo tem ainda a participação de d. Pedro Casaldáliga, Leonardo Boff, d. Mauro Morelli, Milton Schwantes e outros irmãos e irmãs companheiros da caminhada das CEBs. Trata-se de um excelente subsídio em preparação ao Nono Encontro Intereclesial, que reunirá representantes das CEBs de todos os cantos do Brasil, em julho de 1997, em São Luís do Maranhão. Preço: R\$ 24,00.

Maiores informações com:

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
tel. (021) 224-6713 ou fax (021) 221-3016
ou E-mail: koinos@ax.apc.org.



CONTEXTO PASTORAL

Publicação bimestral de
KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
(Rua Santo Amaro, 129
22211-230 Rio de Janeiro/RJ
Tel. 021-224-6713 e f
ax 021-221-3016)

Conselho editorial
José Bittencourt Filho
Lúcia Leiga de Oliveira
Tânia Mara Sampaio
Rafael Soares de Oliveira
Emil Schubert

Editor
Paulo Roberto Salles Garcia
(MTb 18.481)

Editores assistentes
Beatriz Araujo Martins
Jether Pereira Ramalho

Editora de arte e diagramadora
Anita Slade

Redator
Carlos Cunha

Secretária de redação
Beatriz Araujo Martins

Fotolito e impressão
Tipológica Comunicação Integrada

Tiragem
10 mil exemplares

Preço do exemplar avulso
R\$ 3,00

Assinatura anual
R\$ 12,00

Assinatura de apoio
R\$ 18,00

Exterior
US\$ 18,00

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal.

Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Reportagens, análises, estudos bíblicos, entrevistas e muito mais para você ficar por dentro do contexto. Uma publicação de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

Assinatura anual: R\$ 12,00
Assinatura de apoio: R\$ 18,00
Exterior: US\$ 18,00
Número avulso: R\$ 2,00

Os pedidos de assinatura, acompanhados com cheque nominal para KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, devem ser enviados para: Jornal Contexto Pastoral - Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro/RJ.

'SENTINELAS DA JUSTIÇA'

ENTREVISTA COM DOM PAULO EVARISTO ARNS
Por Paulo Roberto Salles Garcia

Só acabarão os massacres quando houver justiça verdadeira e partilha dos bens entre todos os cidadãos do País. Essa é a opinião do arcebispo metropolitano de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns. Em entrevista a CONTEXTO PASTORAL, ele critica a política neoliberal e defende que os cristãos devem caminhar na contramão da história, "sendo testemunhas do único Deus Vivo e de seu Cristo Salvador".

Vigário Geral, Carandiru, Candelária, Corumbiara, Eldorado de Carajás. Até quando vão continuar esses massacres que ferem os direitos humanos?

A história dos massacres dos pobres já é centenária e impune. Em nome do latifúndio e do desrespeito aos pobres e à sua dignidade se cometem atrocidades que ferem o próprio Deus Criador. Para frear essa violência e tanta impunidade será preciso uma mudança profunda no Judiciário e uma articulação maior das forças populares. É preciso vigiar e assumir a postura de sentinelas da justiça, cobrando, insistindo, organizando os pobres na luta pela vida e pela terra. Nossa juventude e nossas crianças deverão continuar a ser educadas para não aceitarem passivamente os valores do mercado que transformam gente em mercadorias e desprezam os direitos dos pobres. Não mais teremos massacres, quando tivermos justiça verdadeira e partilha dos bens entre todos os cidadãos deste país.

Que fatores contribuem para a repetição contínua de fatos como esses?

Em primeiro lugar a falta de ética da classe dominante, que despreza a vida e os valores fundamentais da Lei de Deus. Colocam a propriedade e o luxo acima das crianças e das pessoas. Em segundo lugar uma cultura colonialista que se implantou nos tempos do Império, que segrega as pessoas em categorias e classes sociais. Algumas têm acesso a tudo enquanto milhões são tratados como escravos e sem o mínimo necessário para a sobrevivência. Essa mentalidade e cultura são reproduzidas cotidianamente em programas policiais e na televisão, consolidando uma ideologia de segregação e de exclusão. Pretendem introduzir no subconsciente popular a falsa idéia de que os pobres são culpados por sua miséria, escondendo os mecanismos de exploração e permitindo a existência de esquadras da morte e de milícias paralelas de

forma quase legal. Em terceiro lugar a inoperância do Estado, particularmente dos juízes, acaba fortalecendo as forças da morte e da injustiça.

Existe uma política social séria no País para enfrentar casos dessa natureza?

No nível da sociedade política as respostas sempre foram ineficazes e retóricas. A sociedade civil se organizou muito nestas três últimas décadas nos conhecidos Centros de Defesa dos Direitos Humanos, que passaram a cumprir diante do



Carlos de Carvalho

Estado função supletiva e de cobrança de direitos. Processos que sempre eram arquivados ou sumiam na burocracia da impunidade passaram a ser cobrados, e assassinos e corruptos foram punidos. Algo começou a mudar. Exemplo paradigmático foi a luta de Chico Mendes e os embates nos seringais acreanos.

O lançamento do "Programa Nacional dos Direitos Humanos", feito pelo presidente Fernando Henrique Cardoso no mês passado, ressarce dívida antiga. Esperamos firmemente que sejam implementadas as medidas concretas de forma imediata. O plano não pode ser uma carta de intenções; a hora é de agir.

O que explica que mudanças na estrutura do País não se concretizem? Falta vontade política?

As famosas e constantes reformas de base justificaram golpes, perseguições e torturas no Brasil nos trinta anos de ditadura militar que vivemos na história recente do nosso povo. Somam-se a isso corrupção, desvio de verbas dos programas sociais e excusos interesses de parcela do Legislativo, e vemos sempre postergados os clamores populares por salário, moradia, pão e saúde.

Vemos, no entanto, com esperança, algumas experiências de governos democráticos que, em muitos municípios brasileiros, como Porto Alegre, Goiânia, Curitiba, têm valorizado a participação popular e feito o orçamento municipal com prioridades sociais.

Não será obedecendo à cartilha neoliberal que faremos um grande país, mas garantindo educação básica e emprego para todos. Precisamos de uma economia a serviço da vida e não de planos técnicos que exigem sacrifício dos pobres.

Recentemente foram absolvidos os responsáveis pela ação no presídio do Carandiru, onde morreram 111 detentos. Que justiça é essa, a do Brasil?

De fato eles não foram nem poderão ser absolvidos do crime hediondo que cometeram. O que alguns juízes do tribunal decidiram foi quanto ao direito de indenizações aos familiares. Alguns juízes, ao negar esse direito básico, justificaram de forma absurda o massacre e a ação assassina dos pelotões de elite da Polícia Militar. Será difícil, senão impossível, fazer-se justiça, se um tribunal independente não vier a ser o foro desse processo. Se mantivermos juízes militares por crimes civis, a democracia não se implantará de fato no Brasil.

Durante a ditadura militar e nos dias de hoje, o desrespeito aos direitos humanos tem sido uma constante. Como setores sociais têm se comportado nesses casos?

A primeira tarefa é sempre denunciar e aglutinar as pessoas em torno de uma resposta eficaz contra esse desrespeito. Em segundo lugar, buscar aliados para fazer justiça, entre advogados, comissões de justiça e paz, grupos de direitos humanos, radialistas, jornalistas, padres, pastores, comunidades e congregações, para apoio e sustentação na luta pela verdade e justiça. Ninguém deve lutar sozinho, pois a força dos pequenos unidos será sempre nossa força e nossa esperança. Articular com outros grupos e movimentos do País e do exterior, para que a luta não fique fragmentada e isolada. Enfim, guardar a memória e documentar todos os passos da luta e do movimento em questão.

Que papel as igrejas têm desempenhado?

Temos buscado servir ao povo e garantir sua vida cumprindo o mandato de Cristo Jesus: "Eu vim para que tenham vida e vida em abundância". Muitas religiões católicas, padres e inúmeros irmãos evangélicos foram assassinados no Brasil e na América Latina por ficarem ao lado dos pobres. São testemunhas vi-

vas de Deus e sinais de grandes obreiros da evangelização libertadora.

A criação das pastorais e dos serviços religiosos no mundo popular, e o acompanhamento de gente da rua e das prisões por metodistas, católicos, luteranos e outras confissões são um grande serviço que as igrejas cumprem no seguimento de Jesus. Cada comunidade deve ser sinal de esperança, e não se submeter à idolatria do neoliberalismo que, atualmente, é hegemônica. Devemos caminhar na contramão da história, sendo testemunhas do único Deus vivo e de seu Cristo Salvador.

Nos casos recentes, houve celebrações e atos para lembrar as vítimas das chacinas. Como passar dessas iniciativas (que têm valor simbólico significativo) para uma ação mais propositiva por parte de movimentos sociais, entre os quais a Igreja?

Criando, em cada Igreja, com os irmãos congregados, um grupo pastoral e dos direitos humanos. Realizando encontros de formação e de despertar de nossa juventude para as grandes causas da justiça e da liberdade. Liberando parte do dízimo de nossas comunidades para financiar serviços de advogados e de grupos de cidadania ativa para enfrentar com eficácia a violência e as estruturas organizadas do crime. Como a injustiça se organiza para matar e roubar, os cristãos e os cidadãos precisam organizar sua caridade de maneira ecumênica em favor de quem pretendem libertar e emancipar. Ações solidárias e ecumênicas terão grande repercussão e, ao lado do culto e da oração, podem conseguir as graças de Deus para que possamos viver melhor.

O senhor crê numa solução, a curto, médio ou longo prazo, para o problema da violação dos direitos humanos no País?

Tenho a sólida esperança de que podemos, de maneira permanente, transformar a sorte de milhões de excluídos. O caminho passa pela redistribuição da renda das terras no Brasil. A concentração nas mãos de poucos é o pecado social maior e mais visível, e produtor diabólico de todas as demais distorções políticas do nosso sistema. A partilha é a chave da justiça e de uma vida digna. A participação de todos, pessoal e coletiva, é a forma mais eficaz e o farol mais potente para iluminar a cidade e dar sal e gosto à nossa terra, como sonhou Jesus em seu programa de vida e de amor, declamado na Montanha das bem-aventuranças: "Que a luz de vocês brilhe diante dos homens, para que vejam as boas obras que vocês fazem, e louvem o Pai de vocês que está no céu".

Metodistas vão realizar conferência mundial no Brasil

"Espírito Santo, doador da Vida" será o lema da 17ª Conferência Metodista Mundial (CMM), que vai acontecer no Rio de Janeiro de 7 a 15 de agosto e reunirá milhares de representantes da denominação de mais de setenta países.

"Temos orado e trabalhado com muita expectativa por essa Conferência, e o comitê anfitrião brasileiro está na etapa final de planejamento", declarou o bispo metodista, Adriel de Souza Maia, presidente do Colégio Episcopal brasileiro.

Segundo a tradição desses eventos, a igreja anfitriã recebe uma oferta da conferência. A pedido da Igreja Metodista do Brasil, cada participante será chamado a contribuir com oferta para uma situação muito concreta e dramática: o sofrimento dos meninos e meninas de rua.

Ku Klux Klan presente na mídia norte-americana

A Ku Klux Klan (KKK), organização que prega a supremacia dos brancos e a segregação de negros e judeus, está deixando as reuniões secretas e divulgando sua ideologia por meio da mídia e do comércio. Eles expandiram suas atividades e agora têm *talk-show* na TV, promovem manifestações abertas em escolas, abriram uma loja e pretendem construir um museu. Ao longo de 129 anos de existência, a KKK ficou famosa por queimar cruzes e enforçar negros até as primeiras décadas do século.

Darrel Flynn, que comanda há três anos um programa de entrevistas em Louisiana (Estados Unidos), garante que os adeptos da KKK não odeiam os negros. "Só amamos a raça branca, acreditamos na segregação e é um erro forçar as raças a conviver", explicou.

Indagado sobre o que não gosta na cultura negra, ele disse que "não é a cultura": "É a raiva. Eles não percebem que sua própria raça os transformou em escravos e vendeu-os para os judeus mercadores. É com essa atitude que tenho pro-

blemas", afirmou, acrescentando que "se eles agissem como brancos, mesmo que sua pele seja negra, seria diferente".

Igrejas e entidades ecumênicas repudiam massacre no Pará

"É inconcebível e inaceitável que um governo que busca a superação de 'um Brasil arcaico' por 'um Brasil moderno' viva sob signo da violência policial contra trabalhadores que lutam por uma causa justa". Essa foi a advertência que fez o Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai) ao presidente Fernando Henrique Cardoso a propósito do massacre de trabalhadores sem-terra ocorrido em Eldorado de Carajás (PA) no dia 17 de abril. A carta dirigida a FHC exige "a plena apuração dos fatos e a punição dos culpados, e sobretudo, a definição e execução de uma política de redistribuição de terra".

O mesmo apelo foi feito pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Após manifestar "profunda tristeza e preocupação" com o massacre "perpetrado por forças policiais contra trabalhadores rurais indefesos", o órgão internacional apelou ao presidente que tome decisões para dois problemas cruciais de justiça: "primeiro, a fim de quebrar o círculo vicioso de violências e impunidade, identificar e levar a julgamento as pessoas responsáveis por esta chacina, em todos os níveis; segundo, executar já a prometida reforma agrária, a fim de proporcionar condições de vida digna a mi-

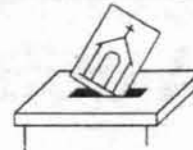
lhares de trabalhadores rurais sem-terra".

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) também expressou indignação com a morte dos sem-terra, e defendeu que a solução para a questão agrária e outros graves problemas sociais no Brasil "passa necessariamente por um amplo processo de reforma agrária". "Como um Estado e um país, com tanta terra e tantas riquezas, tratam de forma tão impiedosa pessoas que desejam conseguir terra para plantar, para produzir e viver, lutando de forma pacífica por um lugar digno na sociedade?", questionou.

KOINONIA vai promover pós-graduação em Teologia

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço e McCormick Theological Seminary (Estados Unidos) vão promover a partir de fevereiro de 97 um curso de pós-graduação *latu sensu* em Teologia e Ministérios. O projeto faz parte de uma cooperação internacional em educação teológica entre as duas entidades e visa promover um processo e intercâmbio na reflexão teológica que respeite as particularidades socioculturais e que suscite questões comuns dos diferentes grupos e comunidades participantes.

A pós-graduação funcionará em regime intensivo com três módulos nos meses de fevereiro de 1997, 1998 e 1999. Durante esse período, os alunos receberão orientação e supervisão para a monografia final do curso. No programa, incluem-se disciplinas agrupa-



ELEIÇÕES E IGREJAS Rossi quer evitar rótulo de 'evangélico'

O candidato do PDT à prefeitura de São Paulo, Francisco Rossi, quer fugir do rótulo de "evangélico". Na sua avaliação, isso é importante para obter votos de outros grupos, como "católicos, espíritas, umbandistas e budistas", ressaltou. Rossi, que pertence à Igreja Evangélica da Vila Iara, de Osasco (SP), tem sido procurado por vários fiéis e pastores evangélicos no sentido de dar-lhe apoio pelo fato de ser evangélico.

Ele faz questão de marcar posição em favor da moralização da política e da administração pública. "Conside-

ro-me corpo estranho a esse processo do toma lá, dá cá", frisou, acrescentando que quer "romper com essa estrutura viciada de poder" e representar "renovação".

Aliás, moralização foi o mote de Jânio Quadros durante seu governo à frente de São Paulo, estratégia que está sendo usada por Rossi. Além disso, o candidato mantém relações históricas com o maulismo. Entre 1978 e 1981, quando Maluf foi governador do Estado de São Paulo, Rossi ocupou a Secretaria de Esportes e Turismo. (FSP, 13/5/96)

das nas unidades Religião e Cultura, Igreja e Missão em contextos urbanos e Missão e relações de mercado, que serão ministradas por professores do Brasil e dos Estados Unidos com vasta experiência no campo acadêmico. A taxa de matrícula é de R\$ 70,00 e o valor do curso é de R\$ 900,00 (referentes aos três módulos). Para outras informações: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço — Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro/RJ, tel: (021) 224-6713 e fax: (021) 221-3016.

IPB e IPI buscam caminhos de unidade

A convicção de que os obstáculos humanos e institucionais são coisa do passado e de que a nova geração de líderes presbiterianos quer avançar por um caminho de unidade está sendo considerado fundamental na aproximação entre a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e Igreja Presbiteriana Independente (IPI) nas áreas de missão, comunicação e ação social.

"A Igreja Presbiteriana do Brasil e a Igreja Presbiteriana Independente têm as mesmas raízes históricas, a mesma confissão de fé, o mesmo sistema de governo e de doutrina. Elas já estão unidas em Cristo", destacou o reverendo Guilherme Cunha, presidente do Su-

premo Concílio da IPB. Na sua opinião, os obstáculos humanos e institucionais pertencem à geração passada. "A presente geração de pastores e líderes conhece a história, mas tem a vocação de Deus para fazer uma nova história".

Segundo Cunha, dois aspectos polêmicos, ordenação de mulheres e maçonaria, "já estão superados, graças a Deus e às atitudes maduras das duas igrejas".

Pobreza cresce na América Latina e Caribe

A América Latina e o Caribe são a única região do mundo em que a população estará concentrada em cidades de 500 mil a 1 milhão de habitantes em 2015. O dado está no relatório sobre a Situação da População Mundial do Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA). O estudo mostra que a explosão da população urbana vai ocorrer nos países em desenvolvimento.

Segundo a UNFPA, um dos efeitos dessa explosão será o aumento da pobreza. O documento recomenda a realização de parcerias nas comunidades e o investimento em educação como medidas para minimizar a explosão populacional. (FSP, 30/5/96)



Entidades ecumênicas defendem reforma agrária

Comunidades Eclesiais de Base: passos e impasses

Claudio de Oliveira Ribeiro

Os últimos trinta anos foram marcados, na América Latina, por fortes transformações nas esferas de ação das igrejas e da produção teológica. A Igreja Católica Romana, motivada por mudanças ocasionadas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-65), experimentou uma nova eclesialidade a partir da formação e da prática das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Também nos setores protestantes, diversas experiências de renovação eclesial e outras mudanças vêm ocorrendo nas últimas décadas, com ênfases similares.

Essa "nova forma de ser Igreja" esteve vinculada às possibilidades de transformação social, cuja referência básica era a busca de uma sociedade igualitária, participativa e firmada nos princípios da justiça social. Era uma contraposição ao modelo econômico capitalista, devido ao seu caráter excludente e concentrador de riquezas em poucas mãos.

Nesse contexto, a elaboração teórica (Teologia da Libertação) procurava compreender a realidade por meio de mediações científicas, julgá-la mediante a tradição bíblica, com destaque para o aspecto profético, e indicar uma nova inserção dos cristãos.

Essa perspectiva, no campo prático, possibilitou uma nova forma eclesial, com redefinições em diferentes campos da pastoral. Todavia, não obstante os avanços em relação à prática tradicional dos quase cinco séculos de catolicismo no Brasil, surgiram, no decorrer do processo, lacunas teológico-pastorais, incorrendo em influxos na dinâmica desse movimento eclesial. Muitos grupos têm refletido sobre esses aspectos.

Refluxos e perplexidades

No campo da pastoral, a perplexidade foi o sentimento predominante no contexto de crise teológica e pastoral no qual os anos de 1990 principiaram. Um primeiro aspecto refere-se ao crescimento e ao fortalecimento institucional/eclesiástico das expressões de caráter intimista e massificante — como os movimentos avivalistas, carismáticos e pentecostais.

O segundo aspecto encontra-se no enrijecimento das burocracias eclesiásticas e no cerceamento de propostas pastorais ligadas direta ou indiretamente à Teologia da Libertação. Uma das dimensões que mais sofre refluxo é a perspectiva ecumênica das igrejas, tanto católica como protestantes.

Lacunas e simplificações

Outra questão trata de certo esgotamento presente na pastoral popular, provocado pela racionalidade, que ocasiona a perda do "específico religioso". De fato, as CEBs — mesmo considerando o seu significado para a renovação do catolicismo — e diversos grupos pastorais com ênfases similares têm encontrado dificuldades para melhor sintonia com a matriz religiosa e cultural do Continente.

Desta forma, experimenta-se, muitas vezes, a perda das dimensões simbólicas e afetivas próprias do discurso religioso em função de uma racionalidade que se traduz majoritariamente em expressões importadas das ciências sociais e da prática política. Como desdobramentos concretos, essa racionalidade tem feito — entre outros motivos — com que a pastoral perca sua amplitude popular e deixe, paulatinamente, de estar mergulhada na realidade da imensa maioria da população pobre e marginalizada socialmente. Há, por vezes e em determinados lugares,

Receios e limites

Há uma série de implicações concretas que a racionalidade pastoral e o imediatismo político apresentam para o cotidiano das experiências pastorais. Uma delas é a relação entre conflito e consolo. Os discursos e as práticas de pastores, padres e demais agentes inseridos na pastoral popular, por vezes enfatizam exacerbadamente o primeiro em detrimento do segundo. Considerando a crescente degradação da vida humana, o acelerado crescimento de problemas sociais diversos, que incidem direta e concretamente na vida das pessoas, a dimensão do consolo na pastoral necessita ser priorizada. É fato que a reflexão ou a explicitação do conflito como parte da perspectiva profética não podem estar omitidas ou desfiguradas. Todavia, a pastoral necessita encontrar o lugar e a medida dela, uma vez que vivem-se hoje outros tempos.

É necessário assumir novas atitudes na articulação entre produção teológica e prática pastoral; compreender também

base — e, portanto, o êxito — das formas religiosas. Segundo, por estar em profunda sintonia com o universo cultural latino-americano. E terceiro, por ser a produção simbólica o elemento necessário para redimensionar a racionalidade na qual se moldou a pastoral popular no Continente. Como são extremamente difíceis de ser encontrados os caminhos de contato e de articulação entre racionalidade e produção simbólica, a postura hegemônica passa a ser a rejeição de iniciativas no campo simbólico com o intuito de se evitar qualquer identificação com as perspectivas denominadas usualmente como alienadas ou alienantes.

Desafios e refazimento de utopias

É fato que não somente a perplexidade caracteriza a conjuntura social, política e eclesial. Há uma série de experiências, incipientes e localizadas, que são "fios de um tecido em construção" ("Tempo e Presença" n° 282, julho-agosto/1995 sobre o assunto). Parcela significativa das questões, pastorais ou políticas, advém do contexto de crise, não podem, porém, jamais ser compreendidas meramente numa perspectiva negativa. Ao contrário, são indicadoras de uma nova etapa, de recriação e de aprofundamento dos processos políticos e teológico-pastorais.

Boa parte destas questões, provavelmente a maioria delas, não encontrará resposta de imediato. Talvez, seja necessário um longo e árduo processo de maturação e gestação de novas perspectivas e práticas. Todavia, ao indicar indagações, estão sendo lançados alguns dos alicerces para maior densidade e profundidade na compreensão da realidade e na produção teológico-pastoral.

Metodologicamente, o caminho mais fértil para o surgimento de novas utopias seria o de assumir e reunir coletivamente as perplexidades. A dispersão e a situação de diáspora que vivem parcela significativa dos cristãos, assim como os diferentes grupos de ação política, devem ser um objeto preferencial de reflexão para as CEBs. Não se trata de buscar os canais e os caminhos tradicionais de articulação pastoral e política. A tarefa que se apresenta é como aglutinar forças na fraqueza, espaços de encontro na dispersão, e novos ideais em meio ao caos social.

Claudio de Oliveira Ribeiro, pastor metodista, integrante de KOINONIA e da Comissão Nacional Ampliada das CEBs.



Carlos Carvalho

perda da comunicação com o povo, em especial devido aos dualismos razão/corpo e coletivismo/subjetivismo. No caso das CEBs, além desses fatores, o forte acento messiânico tem criado uma identidade de minoria, o que gera um paradoxo, uma vez que são católicas.

Por outro lado, a ressonância que os novos movimentos religiosos têm encontrado no universo existencial, cultural e simbólico do povo desafia os setores da pastoral a criarem novas sínteses entre evangelização e cultura e entre vida de comunidade e massas.

que a expressão religiosa trata sobretudo de qualidade na identificação com o universo cultural/existencial do povo; e que há dimensões evangelizadoras em tantos outros, cuja situação de proscrição e exclusão não lhes permite situar-se nos modelos tradicionais de organização popular que referenciavam a pastoral.

Um dos fatores que inibem esses esforços é o receio de teólogos e pastoralistas em não estabelecer devidamente os limites entre alienação e produção simbólica. Todas essas novas formulações, tanto em termos prático-pastorais quanto teórico-teológicos, requerem uma produção simbólica. Primeiro, por ser esta a

Repensando as CEBs

Roberto van der Ploeg

Esta reflexão tem como referência o trabalho de acompanhar as CEBs e as pastorais populares nos últimos anos, em especial em alguns estados do Nordeste do Brasil. As experiências se limitam ao "mundo católico"; digo "mundo católico" por elas extrapolarem a esfera eclesial romana-católica. O objetivo é detectar alguns pontos para motivar debates.

CEBs e massas

As CEBs se descobriram nesta década pequenas e poucas. Elas não têm mais hegemonia pastoral na igreja, nem social ou cultural na sociedade civil. Pergunto-me se já tiveram. Fico admirado quando lembro que na década passada usávamos expressões como "CEBs: Povo Unido Semente de uma Nova Sociedade" ou "CEBs, novo jeito de toda a Igreja ser". O pluralismo presente dentro da Igreja e da sociedade põe fim a qualquer triunfalismo ou a qualquer postura exclusivista, e lança o desafio da comunhão dos diferentes sem indiferença para com as diferenças.

O último intereclesial em Santa Maria (1992) despertou-nos, através da ótica da cultura, para o desafio difícil de *ecumene* em todos os níveis: dentro da própria igreja, entre igrejas, entre as religiões e entre os esforços (para não dizer logo "forças") populares na sociedade civil. Ninguém carrega mais sozinho bandeiras, nem dispõe de receitas únicas de solução dos problemas sem que tenha análises e visões totalizantes.

Somos hoje mais modestos, mais aprendizes, o que não quer dizer menos esperançosos. Fazemos ensaios, parciais e construídos em parcerias, e não temos mais o triunfo de projetos totais, do tipo do "Projeto do Pai" ou o "Projeto do Reino".

Daí, não é surpresa que as CEBs se vejam diante de massas e coloquem a relação com elas como tema que guia a caminhada ao 9º Intereclesial (São Luís do Maranhão, 1997). Mais uma vez a formulação do tema geral é mais performativa do que real: "CEBs: Vida e esperança nas

massas". Massas com vários significados, mas todos com a referência quantitativa de um volume impressionante:

- Na Igreja Católica, diante de um grande número de católicos fora delas (nas cidades as CEBs atingem no máximo 1% dos católicos) e que preferem em boa parte — para surpresa e perplexidade das CEBs — o movimento carismático.

- Em termos culturais, diante de uma variedade de expressões e movimentos religiosos, com destaque para as igrejas pentecostais. O catolicismo não é mais a religião nacional.

- Em termos sociais, diante de massas de excluídos. O pobre não é mais explorado, ele ou ela é simplesmente excluído/a do mercado de trabalho e consumo. Isso acarreta um tremendo problema social que ameaça abalar o tecido social na violência e no descrédito.

- Falando das relações das CEBs com as massas, o pior é notar que não há comunicação. Não dispomos de meios. Porém não é só isso: parece que as ondas não se cruzam. Estamos fora da cultura de massas.

É urgente, portanto, que as CEBs se ressituem na Igreja e na sociedade e repensem a própria identidade e compreensão. Receio que a crise não seja passageira mas definitiva enquanto o fermento das CEBs continuar mofando, porque está guardado a sete chaves dentro da dispensa da casa paroquial.

Muitas maneiras de ser comunidade eclesial no meio do povo

Para ser verdadeira, a evangelização deve ser sempre "nova" porque é anúncio da esperança que vem se realizando e porque ela se realiza sempre para dentro de uma situação particular humana. Neste sentido há vários desafios que urge uma crise, um acrisolamento, nas CEBs. De repente elas descobrem que não há uma cartilha permanente — nem a do "ver, julgar e agir" — para uma evangelização libertadora.

O apelo por defesa da vida e pela

construção de alternativas em relação às necessidades mais elementares que vêm dos excluídos com sua economia e cultura de sobrevivência; a aliança e o convívio numa relação de autonomia com a esfera política popular; a justa reivindicação e luta das mulheres por despatriarcalizar as estruturas eclesiais e o pensamento teológico; a necessidade, por parte das CEBs, de "desdemonizar" a visão do terceiro e começar a criar laços ecumênicos com o Candomblé e a Umbanda que respeitem sua alteridade; a construção de uma identidade subjetiva e coletiva que diz respeito às relações recíprocas de gênero; uma metodologia de evangelização e educação popular que relacione a subjetividade e a experiência existencial com o engajamento social e os projetos coletivos; uma abordagem mais holística das relações com o meio ambiente; a busca de uma nova ética que dê sentido e possibilidades de comunhão ao pluralismo moral; e tantos outros desafios; são motivos que provocam novas posturas e respostas.

Não será fácil encontrar unanimidade. Não se trata, meramente, de uma relação com um inimigo exterior: os pobres oprimidos ante os ricos opressores (latifundiários, empresários, politiquieiros). Trata-se de relações de discriminação e opressão internas ao corpo eclesial e social, internas a meu corpo e à minha história que não nega ser racista e machista.

A carga é explosiva, mas não precisa assustar. Uma explosão (como, por exemplo, em Santa Maria) libera energias iguais ao impulso do Espírito Criador, que são capazes de visualizar algo novo e vital. É lamentável notar que por parte da hierarquia a maior preocupação é desativar essa carga explosiva ou jogá-la pela janela.

Essa novidade necessariamente deve expressar-se em novas formas de ser igrejas. Conforme o documento das diretrizes pastorais da CNBB para o período 1991-1994: "É preciso que se reconheça a possibilidade de diversas formas de vida comunitária, integração e associa-

ção dos fiéis, sem querer impor um único modelo de comunidade. Deve-se buscar a unidade na diversidade." (nº 202).

Predomina em nossa ação pastoral um único modelo de CEB, definida territorialmente, constituída por poucas famílias ou por pessoas do local, organizada em várias equipes que são a expressão do ministerialismo vigente: catequese, liturgia, animação bíblica, preparação do batismo e do crisma, grupo jovem, pastoral da criança, visita aos doentes... É a CEB célula paroquial, sempre vinculada ao poder clerical. No fundo, uma descentralização da paróquia em função do projeto paroquial que se concentra na assistência sacramental e numa eventual assistência social aos pobres.

Quando a ação pastoral se limita à edificação desse modelo eclesial, perde de vista ou exclui outras formas de construção eclesial que nem sempre se enquadram no conhecido "edifício" das nossas CEBs. Quero ilustrar a necessidade de diversificação das formas de ser Igreja dos pobres com as seguintes observações:

- Dentro de uma sociedade moderna marcada por fragmentação, diferenciação e autonomização das diversas esferas da vida, pode-se imaginar que formas associativas de vida eclesial sejam mais adequadas do que aquelas formas em que a agregação é definida e até obrigada pelo território. Penso em expressões pastorais específicas que não se articulam tão facilmente com a pastoral comunitária e territorial das CEBs, mas que nem por isso deixam de ser expressão deste novo ensaiado pelas CEBs de ser Igreja dos pobres ou Igreja na base: uma pastoral da saúde que se dedica à questão da Aids e acompanha aidéticos e seus familiares e amigos, faz campanhas de informação, participa do Fórum contra Aids, ou uma pastoral da juventude que trabalha com "galeras" na periferia urbana.

Dificilmente este tipo de pastoral se integra ao esquema de uma CEB marcada pelo território e pela coordenação paroquial com seu próprio ritmo e estilo. Deve-se pensar, então, em outras formas

CEBs				
				
PRIMEIRO ENCONTRO 1975 Tema: "Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus" Data: 6 a 8 de janeiro Local: Vitória-ES 70 pessoas de 11 dioceses	SEGUNDO ENCONTRO 1976 Tema: "CEBs: Igreja, povo que caminha" Data: 29 de julho a 1 de agosto Local: Vitória-ES 100 pessoas de 24 dioceses	TERCEIRO ENCONTRO 1978 Tema: "Igreja, povo que liberta" Data: 19 a 23 de julho Local: João Pessoa-PB 200 pessoas de 47 dioceses	QUARTO ENCONTRO 1981 Tema: "Igreja, povo oprimido que se organiza para a libertação" Data: 20 a 24 de abril Local: Itaipava-SP 300 pessoas de 71 dioceses	QUINTO ENCONTRO 1983 Tema: "Igreja, povo unido, semente de uma nova sociedade" Data: 4 a 8 de julho Local: Canindé-CE 318 pessoas de 94 dioceses

de articulação que possibilitem uma unidade na diversidade.

■ Quero introduzir o termo "cumplicidade" na pastoral. Cumplicidade lembra a esfera da ilegalidade, a conspiração. A temática "explosiva" que temos a enfrentar hoje obriga-nos a criar laços e grupos que precisam de confiabilidade mútua e privacidade. Um clima em que a subjetividade possa expressar-se sem censuras e em que novos horizontes de identidade subjetiva e coletiva possam ser descobertos. Muitas vezes esse novo não conta com a legalidade do ensinamento ou das orientações das igrejas, o que não significa dizer que não haja legitimidade evangélica ou que tais iniciativas não pertençam à esfera eclesial. Cabe distinguir as diferenças entre legalidade — legitimidade e eclesiástico — eclesial.

Os grupos caracterizados por "cumplicidades" podem constituir dentro do espaço da Igreja uma espécie de oficina em que se procura elaborar e ensaiar uma nova espiritualidade cristã com reflexos para a vida eclesial e para o convívio social. Um lugar que pode significar um *skandalon* evangélico para a igreja e para a sociedade.

■ A parceria entre Movimento Popular e Pastoral Popular, incluindo aí as CEBs, supõe que haja co-responsabilidade. Esta se traduz em várias iniciativas que presumem limites flexíveis entre Movimento Popular e Igreja Popular. Um exemplo: imagine uma religiosa num bairro popular que desenvolve um trabalho com mulheres. Uma das atividades é alfabetização, três noites por semana. Todo o último sábado do mês as mulheres, alfabetizadas, se reúnem para conversa solta, para combinar uma ou outra coisa, mas sobretudo para celebrar sua amizade e "cumplicidade". Cada uma traz algum "come e bebe", há uma partilha e ação de graças: eucaristia. Eucaristia numa celebração de ágape, de irmandade de mulheres de diversos credos. Pergunto: Igreja ou Movimento Popular? Não seriam as duas coisas: uma dupla identidade de organização popular e expressão eclesial verdadeiramente ecumênica? Ou, se quiser, *ecumene* da sociedade civil?

Não faltam exemplos de novas experiências pastorais ou espirituais em que pessoas pobres se agrupam. Talvez não esteja ainda na hora de articular essas novidades ou querer integrá-las à conhecida

caminhada das CEBs. Em vez de incorporá-las, o movimento poderia ser diferente: as CEBs, na sua prática e na compreensão de si mesmas, poderiam se abrir, se expor e aprender com o que acontece, muitas vezes, fora do leito paroquial.

Igreja, templo do Espírito

A diversificação das formas de expressão eclesial provoca uma dinamização da nossa compreensão de CEBs. Quando se trata de confirmar eclesialidade, somos chamados a não olhar logo a conhecida estrutura eclesial com sua centralidade da Palavra de Deus, dos sacramentos e do ministério ordenado. Somos provocados a discernir, em primeira instância, o Espírito do Deus da Vida, Deus Menor no meio de tantos esforços de recriar a vida em irmandade de todos, Deus Maior do que qualquer teologia, qualquer igreja, qualquer religião, maior do que nossa imagem e semelhança.

Proponho que reflitamos mais a metáfora da Igreja como templo do Espírito. "Ou vocês não sabem que o seu corpo é templo do Espírito Santo, que está em vocês e lhes foi dado por Deus?" (1 Coríntios 16.19).

O corpo não é cárcere do espírito, mas o lugar privilegiado da epifania do divino. Nós somos o templo de Deus. Na mística do corpo vivemos e celebramos o corpo místico do Cristo.

Somos acostumados a pensar Igreja nas metáforas de povo de Deus e corpo de Cristo. Povo eleito. Povo que caminha, caminhada histórica. Povo fundamentalmente de iguais, de batizados. Ou igreja, corpo de Cristo, corpo que integra e articula a diversidade de funções e ministérios.

Templo do Espírito manifesto no corpo é o surpreendente, o carismático. Surpreende, irrompe, muitas vezes, fora daqueles que considerávamos "povo eleito" e fora daquilo que pensávamos que era ministério eclesial.

Completa-se, assim, o caráter trinitário dessas metáforas eclesiais. Povo de Deus, corpo de Cristo e templo do Espírito. Comunhão divina da qual a Igreja deve ser ícone.

Autonomia e comunhão

Como tendência geral pode-se notar a parquização das CEBs. Elas são facil-

mente integradas ao processo de involução da Igreja, que na área social se expressa como reconciliação com os poderes locais.

O clero novo, recém-formado em seminários disciplinados, volta à tradição do passado, mas não vai deixar de usar o linguajar das CEBs porque isso já está registrado nos documentos da CNBB.

A própria CNBB sitia o Intereclesial querendo controlar quem será delegado pelas dioceses, diga-se pelos bispos, qual será a compreensão da *ecumene* expressa na composição da Assembléia e na liturgia durante o Encontro, como será a confecção do documento final; enfim, uma regulamentação que possa evitar surpresas desagradáveis como aconteceram em Santa Maria. É uma operação de desativar a bomba, ou melhor, de evitar que ela seja instalada lá por negros, mulheres e outros elementos suspeitos.

O aspecto profético da pastoral está sendo limitado às pastorais sociais que desde a Semana Social Brasileira procuram articular-se entre si, em alguns casos sob orientação geral e administração financeira da Caritas diocesana. As pastorais sociais são o último baluarte das forças progressistas na Igreja Católica no Brasil.

Mais uma vez voltamos ao dualismo entre culto e profecia. Com isso o projeto inicial das CEBs vai por água abaixo e elas deixam de ser a "base institucional" da Igreja dos pobres.

Diante desse processo manifesta-se um desejo em algumas CEBs de ter maior autonomia. Estas lutam pelo direito de ser Igreja do seu jeito. É uma oposição ao poder centralizado e autoritário do clero, à cultura patriarcalista e paternalista e à concentração da eclesialidade na administração dos sacramentos e na comunhão com o pároco, o que seria a garantia da apostolicidade.

As CEBs precisam de alguns suportes autônomos para evitar o rumo da parquização e resgatar as principais conquistas e intuições eclesiológicas como Igreja dos pobres. Seria equivocado pensar que toda iniciativa neste sentido enfraquecesse a comunhão eclesial, quebrassem a unidade da Igreja e levasse a paralelismos infrutíferos. Ao contrário, maior autonomia levará a maior comunhão, entendida como uma comunhão "de mão dupla" entre interlocutores que

se respeitam, sem precisar de tutela e autoritarismo, de um lado, e submissão e subserviência, do outro.

A comunhão se faz em torno da missão comum que encontra seu eixo na opção evangélica pelos empobrecidos. Esta é a guia da comunhão (comum "união") eclesial e norte da pastoral de conjunto. Nesta opção somos todos discípulos da palavra magistral, de mestre, dos pobres (cf. Isaías 50.4).

Devemos estimular todas as iniciativas que possam garantir maior autonomia às expressões pastorais da Igreja dos pobres, não digo nem mais CEBs:

■ O poder associativo das CEBs, comunidades de pobres entre si e com as pastorais específicas, construindo uma rede de articulação além da paróquia e que possa ser denominada como Igreja na Base. Em alguns lugares se constituíram associações ou fundações de CEBs com registro civil.

■ O poder associativo dos seus membros, associações de animadores como o teólogo José Comblin propõe. É um direito canônico.

■ Muitas vezes são iniciativas de formação que oferecem um espaço de encontro e interação para organismos e membros da Igreja popular. Lembro o Cebi, o Cese, os Cursos de Verão em São Paulo e Goiânia, o Curso de Inverno em João Pessoa (1990 1993), KOINONIA (particularmente a "Jornada Ecumênica"), Cemep, Ceca e tantas outras instâncias de serviço ecumênico e muitas escolas de fé locais.

■ Imprescindíveis são as iniciativas de comunicação, seja escrita como "Tempo e Presença", "Contexto Pastoral", "A Caminho", seja audiovisual.

Essas "redes" de articulação não negam a "pirâmide" das estruturas eclesiais, nem pretendem, necessariamente, substituir ou contrapor-se à estrutura piramidal. A pirâmide pode ter vários cortes pelas redes e receber delas uma ventilação do sopro do Espírito que descongelará petrificações de doutrinas, cânones e ações pastorais e cristalizações de poder. Será que isto acontecerá? Para ser sincero, duvido muito.

Roberto van der Ploeg, teólogo leigo católico, integra o Centro Nordestino de Animação Popular (Cenap) no Recife/PE.



SEXTO ENCONTRO 1986
Tema: "CEBs, povo de Deus, em busca da terra prometida"
Data: 21 a 25 de julho
Local: Trindade-GO
1.623 pessoas de 204 dioceses

SÉTIMO ENCONTRO 1989
Tema: "CEBs, povo de Deus, na América Latina, a caminho da libertação"
Data: 10 a 14 de julho
Local: Duque de Caxias-RJ
2.528 pessoas de 252 dioceses

OITAVO ENCONTRO 1992
Tema: "CEBs, povo de Deus, renascendo das culturas oprimidas"
Data: 8 a 12 de setembro
Local: Santa Maria-RS
2.326 pessoas de 314 dioceses

NONO ENCONTRO 1997
Tema: "CEBs: vida e esperança nas massas"
Data: 15 a 19 de julho
Local: São Luís-MA

CEBs, sacrifícios e modernidade

Jorge Atilio Silva Iulianelli

Um dos principais desafios que as CEBs estão vivendo é a política de reajuste neoliberal. Diante do massacre a que estão submetidas as massas de sobrantes, as organizações comunitárias, mesmo que celebrativas, tornam-se muito frágeis. Talvez aí esteja uma resposta para o crescimento de propostas religiosas como o Pentecostalismo Autônomo: não há exigência de formação de experiência comunitária.

As CEBs urbanas têm sofrido muito mais o impacto dessa política que as rurais. No campo, as formas de sobrevivência, apesar de difíceis, podem ser encontradas no espaço comunitário. Nos centros urbanos, o esforço das pessoas é cada vez mais singular, até chegar ao extremo do individualismo. A luta para viver, em condições que beiram a subumanidade, é diuturna e massacrante. Encontra-se muito pouco tempo para si mesmo e para a experiência comunitária.

Diante disso, as CEBs têm sido uma resposta corajosa e, ao mesmo tempo, frágil. No momento em que diversas camadas médias da sociedade, empobrecidas, favelizam-se, diversos setores favelados e outros segmentos da sociedade passam a viver nas ruas, e cresce o número de indigentes. A organização e, mesmo, a manutenção de CEBs constituídas nessas periferias tornam-se quase impossíveis. Isso significa que, se é verdade que tal quadro tende a deteriorar-se nos próximos dez ou quinze anos, o futuro das CEBs urbanas de nossas megalópoles fica bastante ameaçado.

Por outro lado, isso significará o aumento da população nas zonas periféricas fora das megalópoles, e poderá resultar no crescimento de CEBs nessas regiões, crescimento que tem sido mantido num mesmo ritmo nos últimos dez anos. (Este dado empírico refere-se à diocese de Duque de Caxias-RJ, na qual uma paróquia da periferia, por exemplo, Pilar, possuía 17 comunidades em 1983, 23 em 1986 e 32 em 1992.) Essas áreas tendem a aumentar populacionalmente com o acirramento da atual situação socioeconômica.

Nas áreas rural-urbanas, o crescimento da organização de CEBs também se tem mantido. Isso pode ser conferido, por exemplo, na diocese de Amargosa, paróquia de Valença-BA, assim como no interior do Rio de Janeiro, em dioceses como Valença, Itaguaí e Volta Redonda. Tal fato simplesmente indica a possibilidade de reorganização das CEBs. No último encontro intereclesial (Santa Maria-RS,

1992) a presença de pessoas dos centros urbanos já era bastante significativa.

As CEBs precisam encontrar um novo discurso religioso para falar aos corações das minorias dentro dessa massa de excluídos que já se encontra ao seu redor. Mais: elas são um restolho de reserva ética nessa sociedade de corrupção, de lógica cínica, que tem sido propalada. A degeneração social e sobretudo ética faz lembrar a velha Homília da Quaresma de São Basílio, na qual afirma: "todo rico é ladrão, ou filho de ladrão". Dizia ele como consequência do seguinte raciocínio: diante do povo com fome, o verdadeiro celeiro é a barriga do pobre. É uma infâmia haver morte por subnutrição em um país que é exportador de grãos.

As CEBs podem desempenhar, e têm desempenhado, o papel de um dos guardiões críticos da sociedade (isso tem que ser reconhecido, desenvolvido e propalado). Mas é chegado o momento em que elas necessitam responder a muito mais. Necessitam ir ao encontro do grande anseio de ouvir Deus nesta sociedade. É chegado o momento em que as CEBs têm que fortalecer o cinturão de esperança. E esperança tem um nome para o cristão: santidade.

As CEBs estão diante do desafio de falar de Deus. Numa sociedade em que a morte é o discurso cotidiano, falar de Deus é proclamar a vida. E isto tem que

ser celebrado. Tem que ser celebrado com o corpo, com expressões litúrgicas clamorosas e lindas. Tem que se recuperar a beleza. Vale a pena lembrar o filósofo Adorno. Ele diz que, numa situação de morte, a beleza não pode servir como distração. A beleza não é distração, ela é sinal de vida. Os empobrecidos merecem a beleza, as belezas que a sociedade pode e deve produzir.

Explosões místicas e subjetividade — reinventando a modernidade

Por fim a grande tarefa apresentada às CEBs é religiosa: Como viver a esperança, fruto da liberdade dos filhos de Deus, numa realidade de morte? Apesar de não parecer, a pergunta é profundamente reveladora deste momento da modernidade. Vivemos a crise de uma mentalidade, de um modelo de desenvolvimento, de uma experiência de mundanidade. Estamos na crise da modernidade.

As respostas que vínhamos dando dirigiam-se a transformações de estruturas e tocavam tangencialmente na mudança de corações e mentes. Aliás, muitas vezes tocavam na proposta de fazer cabeças. Os seres humanos são muito mais que cabeças. A divisão elementar da anatomia já assegura: cabeça, tronco e membros. Somos um corpo, somos singular, entramos

em contato com as outras pessoas a partir da nossa singularidade.

Sem enfrentar as questões levantadas pelo afetivo, pelo simbólico, pela comunicabilidade, não teremos como responder aos desafios da crise da modernidade à experiência religiosa. Mas há muitas respostas que podem ser dadas.

As do Pentecostalismo Autônomo e das explosões místicas recentes (também chamadas de Nova Era, ressurreição da New Age dos anos de 1970 norte-americana) aparentemente dirigem-se à negação da modernidade. Elas são respostas antiiluministas e antimodernas. Claro, se supomos que a modernidade já está esgotada e o mundo vive a pós-modernidade, temos essa característica em tais experiências. Portanto, creio, vale o vaticínio de Jürgen Habermas, que afirma esconder-se por trás desses nomes "pós", a veneranda tradição antiiluminista.

Essas propostas são extremamente individualistas. Estamos passando de um mercado massificante para outro extremamente especializado. Todavia, a maneira com que o individualismo é vivido no Pentecostalismo Autônomo é extremamente massificante: baseia-se em populações flutuantes que experienciam a utilidade do bem religioso. Essa característica flutuante é sua principal diferença com relação à outra proposta religiosa neoconservadora: a Renovação Carismática Católica.

Estas últimas linhas quiseram simplesmente apontar o que parece ser o principal desafio das CEBs nos próximos dez ou quinze anos: aprofundar a temática da subjetividade e de participação. Sem discutir a singularidade, sem providenciar espaços para a vivência pessoal da fé, sem retomar a experiência da conversão, a experiência das CEBs estará sendo sua autonegação.

Assim, parece extremamente salutar que o 9º Encontro Intereclesial tenha como tema "CEBs e Massas". Será importantíssimo rediscutir esta dialética massas-minorias a partir da experiência de adesão às causas dos empobrecidos. Será fundamental reconhecer a experiência de minorias abraâmicas, resto de Javé, minoria crítica, cinturão de esperança, que as CEBs têm produzido, devem alimentar e precisam redefinir.

Jorge Atilio da Silva Iulianelli, leigo católico, integrante de KOINONIA e assessor de Comunidades Eclesiais de Base.



As CEBs precisam encontrar um novo discurso religioso para falar aos corações da massa de excluídos

CEBs: Vida e esperança nas massas

Este será o tema do 9º Encontro Intereclesial a ser realizado em São Luís do Maranhão de 15 a 19 de julho de 1997. A temática está sendo discutida em diversos encontros locais, diocesanos e regionais. Os eixos norteadores são: CEBs e catolicismo popular de massa; CEBs e comunidades negras; CEBs e culturas indígenas; CEBs e pentecostalismo; CEBs e cultura de massa; CEBs, exclusão social e movimentos populares.

O encontro terá caráter celebrativo e espera-se a participação de 2.000 pessoas de todo o Brasil. Em continuidade à experiência ecumênica na pastoral popular e à participação de evangélicos nos intereclesiais, o evento acolherá irmãos e irmãs de diferentes igrejas, com o espírito de corresponsabilidade e fraternidade.

Ecumenismo nas CEBs

Jether Pereira Ramalho

Sempre que importantes movimentos sociais e grandes utopias surgem provocam reações diversas. Isso aconteceu no início do século quando tomou corpo o movimento ecumênico. Inicialmente sua ênfase principal foi a busca da unidade dos cristãos. Por quanto tempo se manteriam divididos, valorizando mais as barreiras historicamente construídas e superando os próprios ensinamentos do Cristo? Respondendo a esse questionamento foram feitos esforços consideráveis, enfrentaram-se dificuldades e alcançaram-se bons resultados.

A proposta ecumênica era, entretanto, mais abrangente, e ganhou novas dimensões. A sabedoria e a sensibilidade populares incorporaram ao sonho ecumênico outros significados: o compromisso pela paz, o cultivo da fraternidade, o exercício da solidariedade, o envolvimento nas lutas pela justiça, a derrubada das barreiras constituídas cultural e socialmente e a busca da unidade no fundamental.

O movimento ecumênico é um processo dinâmico, rico e questionador. Incentiva e inspira novas formulações teológicas e ações eclesiais, mas também um comprometimento concreto com as transformações sociais, econômicas e políticas que o mundo apresenta.

Neste texto vamos elaborar considerações sobre como a proposta ecumênica tem-se desenvolvido em uma das formas mais importantes da pastoral popular católica no Brasil — as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) — e particularmente nos seus grandes eventos nacionais: os encontros intereclesiais.

Ecumenismo não programado

Nas CEBs o ecumenismo não se restringe aos movimentos próprios das celebrações ou dos encontros eclesiais. Está presente, de forma fecunda e intensa, na vida cotidiana, no encontro daquelas e daqueles que lutam pela sobrevivência, que se juntam na defesa dos seus direitos e que sonham com uma sociedade mais justa. Como legítima expressão eclesial as CEBs agregam a essas lutas comuns alguns fundamentos teológicos reveladores da sua sabedoria e sensibilidade.

a) Reconhecimento de que existe um mesmo Deus

Para o povo pobre e humilde a compreensão de Deus supera, em muito, as limitações impostas pelas divisões religiosas. As barreiras erguidas entre as diversas confissões que disputam o mercado religioso são construções sociais transitórias e respondem a momentos ou matrizes culturais distintos. Deus está muito aci-

ma dessas peculiares concepções. A sua figura e presença não está aprisionada e não é monopólio de nenhum grupo. Deus é o pai e a mãe de todos nós. Ele é o centro e o criador de toda *oikoumene*.

b) Uma mesma Bíblia, a Palavra de Deus

Durante anos autoridades eclesiais afastaram a Bíblia do povo. Ela era símbolo de separação. As CEBs redescobriram a força da Bíblia, a qual se converteu em fator de unidade — o livro do povo de Deus.

c) A ação do Espírito Santo não tem limites

Vivemos momentos em que a ênfase na atuação do Espírito Santo se faz sentir de muitas formas. Não é privilégio de nenhum grupo ou movimento. As CEBs entendem que as manifestações do Espírito são chamadas para a paz, a reconciliação, a conversão, a fraternidade e a luta pela justiça. Vivem esses acontecimentos e os aceitam na grandeza dos seus corações e na singeleza dos seus sentimentos.

d) A comum situação concreta

Há uma luta cotidiana, ecumênica em sua essência, contra os sinais de morte, de exclusão e de opressão que o povo experimenta. Há uma textura social comum onde convivem e sofrem pessoas de concepções religiosas distintas. A mensagem de esperança com a qual as CEBs estão comprometidas deve alcançar a todos. Trata-se de uma percepção ecumênica que ultrapassa o eclesial.

Há ainda pedras no caminho

O avanço ecumênico se torna ainda mais visível nos memoráveis encontros intereclesiais. Já foram realizados oito, e praticamente em todos houve presença evangélica. Esta tornou-se mais evidente a partir do 6º Encontro (Trindade-GO, 1986). No 7º Encontro (Duque de Caxias, RJ, 1989), participaram mais de cem evangélicos de diversas denominações. Para hospedarem as delegações as casas dos crentes se abriram para receber, com grande alegria e carinho, os irmãos e irmãs católicos. Foi uma festa, onde se praticaram intensamente a fraternidade e a solidariedade. Comiam, oravam e celebravam juntos. Era uma só família ecumênica. A grande festa repetiu-se no 8º Encontro (Santa Maria, RS, 1992).

Também na preparação dos encontros, na formulação dos temas a serem debatidos, na elaboração dos textos básicos, na condução dos plenários e nas celebrações litúrgicas participam irmanados católicos e protestantes: bispos, pastores e pastoras, padres e religiosas, leigos e leigas.



Douglas Mansur

Essa comunhão ecumênica tem-se aprofundado, especialmente com os membros das igrejas do protestantismo histórico. Entre as igrejas pentecostais a participação tem sido menor, apesar de crescente, principalmente quando a indicação dos delegados tem origem nas bases locais.

Entretanto, mesmo com os evangélicos, a marcha ecumênica ainda não é plena. Há ainda algumas pedras a serem retiradas do caminho. Os evangélicos sabem que os encontros das CEBs são reuniões da Igreja Católica, mas entendem também que o envolvimento dos evangélicos se dá na compreensão de que há um compromisso comum que inspira a todos e que ultrapassa a instituição eclesial. É a tarefa de tornar evidentes os sinais do Reino de Deus. Nesse propósito a busca e a prática da unidade são indispensáveis e intransferíveis. Os intereclesiais passam a ser verdadeiras celebrações pentecostais, imprevisíveis, alegres, vivas, comprometedoras, derrubadoras de barreiras, fortemente ecumênicas.

Mas nem tudo são flores. Há difíceis passos a serem dados. Um dos empecilhos é a constatação das dificuldades de se ter uma celebração eucarística plenamente concelebrada por católicos e evangélicos. A participação na Eucaristia tem sido estendida a todos. Mas é urgente um passo adiante: o reconhecimento da plenitude e igualdade dos ministérios, dos batismos, da celebração eucarística. Afinal, a mesa é do Senhor.

A ordenação de mulheres ao ministério pastoral, que já se vai fazendo comum nas igrejas evangélicas, ainda causa dificuldades. Há ainda outros aspectos diferenciadores nas igrejas católicas e protestantes que são merecedores de compreensão de ambos os lados e diálogo mais constante e franco. Para o povo pobre e humilde das CEBs, argumentos de caráter ortodoxo, jurídico-canônicos, não são suficientes para justificar certas diferenças e discriminações.

Mas o ecumenismo é construído assim, pacientemente, com diálogo fraterno, oração, espírito humilde, compreensivo das diversidades, submisso ao sopro do Espírito, iluminado pela Palavra de Deus e sensível aos sinais dos tempos.

Outros desafios

Se com as igrejas do protestantismo histórico e com algumas expressões do pentecostalismo (apesar de certos percalços no percurso) se têm acumulado experiências e reflexões, o encontro e o diálogo com as religiões afro-brasileiras e as dos povos indígenas ainda estão apenas se iniciando. A compreensão do complexo relacionamento entre fé e cultura somente agora se está aprofundando.

Com o crescimento e a evidência do pluralismo religioso no Brasil, como fica a proposta ecumênica? Deve ser plena apenas quando se refere aos cultos de base cristã? As outras religiões populares, como candomblé, umbanda, etc., devem ser relegadas a um plano inferior? Os critérios básicos que fundamentam o ecumenismo das CEBs são suficientes para alimentar a aproximação e o diálogo respeitoso com participantes desses cultos?

São perguntas ainda sem resposta. Alguns usam a expressão macro-ecumenismo para abarcar essa relação com o universo não-cristão. Outros preferem a indicação de que se trata de um diálogo inter-religioso.

Essa desafiadora problemática tem aparecido fortemente nos encontros intereclesiais, causando reações as mais diversas. Não pode ser simplesmente descartada. Vai exigir, sem dúvida, humildade, maturidade, sabedoria, abertura para o diferente, no sentido de possibilitar que a caminhada ecumênica prossiga em busca da sua grande utopia: a vida digna e plena para todos.

Jether Pereira Ramalho é editor de TEMPO e PRESENÇA e integra a equipe de KOINONIA.

Tudo começa com a festa

JOÃO 2.1-11

Haidi Jarschel

Cada evangelho é fruto de uma comunidade diferente que organizou a partir de sua situação específica as memórias da atuação de Jesus. As comunidades prepararam os textos de um jeito muito próprio. A comunidade joanina abre o relato da atuação de Jesus de um modo genial. Tudo começa com uma grande festa de casamento onde se encontram Jesus, a sua mãe, os seus irmãos, discípulos e amigos: "Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galiléia, e estava ali a mãe de Jesus; e foi também convidado Jesus com os seus discípulos para o casamento" (vv.1-2).

O cenário da festa com o qual a comunidade joanina introduz a atuação de Jesus é o mesmo de Gênesis 1-2, onde é apresentada a grande festa de Deus, a criação do cosmos e de tudo o que nele existe: água, ar, terra, fogo, plantas, animais, aves e muita comida e beleza. Também nós, homens e mulheres, fazemos parte dessa grande festa. A festa de Deus é obra de muita vida. Imagem e semelhança de Deus. A festa é lugar de muita comida, bebida, flores, beleza e, acima de tudo, tem um clima de alegria. Nas festas da Palestina, especialmente nas judaicas, o vinho era fundamental. Quando o vinho acabava também a festa acabava. Enquanto havia vinho a festa prosseguia.

Neste texto, a festa está ameaçada porque o vinho estava acabando. Surge o momento da crise. Sem vinho não há mais festa. E, nesse momento de crise, entra em cena uma personagem: Maria, uma mulher e uma convidada. Esta personagem, conhecida nesses tempos por sua exclusão social — mulher, escravo e criança não tinham grande valor naquela sociedade —, percebe a crise, toma contato existencial com a ameaça que terminará com a festa.

A comunidade joanina compreende que essa mulher convidada é quem percebe a crise e entra em ação. Estranho. Por que ela? Não é por mero acaso que o texto a coloca em evidência. Essa mulher interpela e insiste para que Jesus se alie à sua preocupação da ameaça do fim da festa. Jesus resiste, ela porém não desiste de chamá-lo para atuar. Não lhe resta outra alternativa. Inaugura a sua atuação, um pouco contrariado, por causa da insistência dessa mulher. O mérito da ação de Jesus, neste texto, é atribuído a Maria. É ela quem toma a iniciativa e que se desespera com o final da festa. A comunidade joanina trata o ato inaugural de Jesus na Galiléia por meio dessa mulher excluída que o desperta. "E tendo acabado o vi-

nho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm vinho. Respondeu-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. Disse então a sua mãe aos serventes: Fazei tudo quanto ele vos disser" (vv.3-5).

Ah! o método da ação! Este é interessantíssimo e revelador. A ação pressupõe conseguir vinho. Onde e como? De um lugar que ninguém esperava! Das jarras de água da purificação. Nas festas judaicas, os convidados passavam por um rito de purificação na entrada, no qual havia a lavagem dos pés e das mãos com água. Nesse tempo, a Lei havia se tornado algo muito rigoroso e rígido nos pequenos costumes da vida cotidiana. Na verdade, as pessoas estavam cercadas por leis em seu cotidiano, as quais exigiam que se cuidasse de pequenas coisas, entendendo que dessa forma estavam servindo a Deus.

Recriar com e a partir do velho

A transformação da água em vinho revela uma metodologia nesta ação. Tirar o novo de dentro, a partir do velho. O vinho para a festa apareceu nas jarras de água da purificação. A ação de Jesus, mostrada no texto, aponta para a maneira como a transformação pode acontecer. O novo surge de dentro do velho: "Ora, estavam ali postas seis talhas de pedra, para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam duas ou três metretas. Ordenou-lhes Jesus: Enchei de água essas talhas. E encheram-nas até em cima. Então lhes disse: Tirai agora, e levai ao mestre-sala. E eles o fizeram. Quando o mestre-sala provou a água tornada em vinho, não sabendo de onde era, se bem que os serventes que tinham tirado a água, chamou o mestre-sala ao noivo e lhe disse: Todo homem põe primeiro o vinho bom e, quando já têm bebido bem, então o inferior: mas tu guardaste até agora o bom vinho" (vv.6-10).

O novo tempo (*kairos*) acontece no meio da crise. Um novo tempo inaugurado pela transformação da água em vinho. A festa não precisa acabar. A personagem (Maria) e o personagem (Jesus) agiram concretamente para que esse novo momento da festa fosse possível: "Assim deu Jesus início aos seus sinais em Caná da Galiléia, e manifestou a sua glória; e os seus discípulos creram nele" (v.11).

Por esta razão, deste texto, podemos tirar várias consequências para a vida das nossas comunidades cristãs.

1. Precisamos recuperar e interiorizar a dimensão integral da criação: o planeta e os seres humanos. Somos a festa de Deus que é a vida em toda a sua integralidade. Recuperar a dimensão do todo, em que cada um possa se perceber como um pedaço relacional da criação, torna-se cada dia mais imprescindível para podermos salvar a festa de Deus. Cada ser humano é um personagem da mesma festa e convidado a desfrutá-la. Uma festa com muita comida, muita beleza e alegria. Será que temos consciência deste convite e desta festa?

2. Se tivermos presente que a criação é uma grande festa de Deus e nos sentirmos de fato participantes dela, teremos capacidade de perceber quando ela estiver acabando. Só quem está na festa percebe que ela está acabando. Precisamos desenvolver a sabedoria e sensibilidade para perceber a crise dessa festa. A sociedade sempre viveu crises, diferenciadas por lugares e temporalidades, mas parece que a crise atual tem dimensões ameaçadoras. Mais de um terço da população mundial passa fome e mais da metade do planeta já foi desmatado. Há buracos na

Somos a festa de Deus que é a vida em toda a sua integralidade

camada de ozônio, as fontes de água potável estão ameaçadas. As relações entre os seres humanos passam pela "coisificação" — tudo é comparável e vendível. O amor perde a dimensão da gratuidade.

3. Em Êxodo 3, o Deus de Israel ouve, vê e atende ao gemido de parte da sua criação — o gemido dos excluídos. É um Deus sensível, que sabe ouvir as interpelações daquelas(es) que gritam a sua experiência de dor em meio à crise. No texto de João 2.1-11, a mulher, a mãe de Jesus, foi quem teve a sabedoria de perceber a crise e a disponibilidade de agir. Há uma evidente disposição das(os) excluídas(os), a partir da sua experiência de exclusão para agir. É que elas(es) sentem a crise na própria pele e a partir daí a compreendem no âmbito mais global. Como comunidade que confessa a Jesus Cristo, precisamos disposição para ouvir e sentir as interpelações daquelas(es) que indicam as crises. Isso é profético.

4. Às vezes sabemos compreender os sinais dos tempos, queremos agir, mas

não sabemos como ou por onde começar. O texto nos dá uma ferramenta: recriar com e a partir do velho. Na simbologia da jarra com água temos a lei judaica — estrutura rígida que não sabe ser sensível com o cotidiano das pessoas, colocando-as acima dele. É de dentro das jarras que sai o novo: tirar o novo de dentro do velho. Na vida é assim. Nada nasce do nada. Transformar diariamente o velho que há em nós (Lutero), nos misturarmos no meio dele, para juntos fazermos surgir diariamente o novo. De pouco em pouco, cada dia! É só assim que a festa pode continuar. É este ato transformador que possibilita a continuidade da festa, da vida!

5. Nosso papel, como comunidades cristãs, é propagar a continuidade da festa. Aliando-nos com as "mães de Jesus" que percebem a crise e nos interpelam. Sendo participantes da festa. É sentir a festa e estar nela. Só assim podemos lutar para que ela tenha continuidade. Temos sabedoria para perceber a crise (o vinho que vai acabando) e atuar no momento e no lugar certo, com metodologia eficaz para que o *kairos* (novo tempo) possa ser gerado com outras(os).

6. Precisamos ter a capacidade de nos alimentar da esperança e do desejo de festejar. Estar na festa é antes de tudo termos a alegria de comer e beber e nos preocuparmos, quando necessário, com o vinho que pode acabar e, com ele, a festa. Na festa de Deus há muita beleza. Uma delas é a esperança. A Bíblia está cheia de histórias de esperança. Junto com a esperança, há sinais de posturas éticas bem concretas diante das ameaças da crise. São princípios éticos para dentro do cotidiano, onde a vida das pessoas está acontecendo, onde ela está sendo arrebatada. O testemunho do povo de Deus é o da comunidade joanina: participar da festa e atuar concretamente na hora da crise. Assim, vai-se criando o velho nas coisas simples da vida, como ter vinho para a festa continuar. Muito simples, como recriar a possibilidade de ter pão para comer diariamente, para todos. O papel da comunidade é participar nos atos que vão recriando cotidianamente o velho.

Haidi Jarschel é pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil em Guarulhos/SP.

Em abril o País chocou-se com o massacre de Eldorado dos Carajás/PA. As imagens cruéis de corpos arrastados e de caixões em caminhões mostraram o drama da questão de terra no Brasil, cujo número de mortos já se iguala ao de uma guerra civil. A questão não é novidade no Brasil e tem sido, por séculos, motivo de reflexão de grupos comprometidos com as causas populares. Na década de 1960, a Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade (ISAL) possuía uma Equipe de Estudos de Migrações Internas na América Latina e preocupava-se em indicar o tema da terra como alvo da ação das igrejas, numa perspectiva ecumênica. CONTEXTO PASTORAL contribui para a reflexão das igrejas sobre a questão hoje na perspectiva da migração, e resgata o texto de um folheto produzido por ISAL e remetido às igrejas em 1967.

O retirante no Brasil

*Às igrejas espalhadas em todo o País;
Aos pastores de todas as denominações;
Aos irmãos na mesma fé que nos une
em Cristo Jesus.*

Não foi sempre assim?

(...) Para muitos autores o primeiro movimento migratório verificou-se no século XVI, quando colonos portugueses abandonaram a região de São Vicente, no Sul, indo para o Nordeste, atraídos pela economia açucareira pernambucana em expansão. Já no século XVII, com a descoberta das ricas jazidas auríferas, na região de Minas Gerais, o eixo migratório deslocou-se e o fenômeno atingiu vastíssimas proporções.

No século XIX temos a atração do café, principalmente no Estado do Rio de Janeiro e São Paulo e novo fluxo se forma. Há ainda o contingente de nordestinos impelidos pela estiagem de 1877 e pela atração da borracha, que se dirige para a Amazônia, em busca de melhores condições de vida. Calcula-se que um milhão de pessoas entre 1877 e 1945 foram em busca de borracha, onde a maioria só encontrou frustrações, sofrimento e doença.

Ao despontar o século XX outra área passou a chamar a atenção dos trabalhadores nordestinos que, vítimas de uma estrutura socioeconômica altamente desfavorável, enxergavam nas áreas em desenvolvimento a possibilidade de mudarem o curso miserável de suas vidas. Era o cacau do sul da Bahia — que foi outra fonte de desapontamento e miséria.

O grande capítulo das migrações internas, entretanto, teve lugar a partir de 1930, quando a expansão dos cafezais paulistas determinou a expansão da fronteira econômica para o oeste do Estado de São Paulo e norte do Paraná. Depois veio o algodão e a cessação dos imigrantes estrangeiros. O próprio governo viu-se na contingência de estimular a migração para São Paulo. Havia também firmas especializadas em aliciar braços (mineiros, nordestinos, etc.) para a lavoura do Sul, montando agências nos entroncamentos rodoviários e ferroviários, cidades-chave do interior onde ofereciam passagens e perspectivas novas de futuro. O surto migratório foi de tal ordem que ultrapassava a casa das 100 mil

pessoas por ano. Hoje, o fenômeno persiste não somente para São Paulo e Paraná. Há outros centros de atração como Mato Grosso, Goiás e todas as grandes cidades do País. (...)

Qual é o papel da Igreja?

Como continuadora da vocação missionária de Israel, a Igreja tem de seguir o seu Senhor. Ora, se Cristo se identifica totalmente com os pequeninos, entre os quais se encontra o migrante, ali deverá estar a Igreja. (...)

E convenhamos que o movimento migratório, por ser parabólico da própria fé, tem muito para receber e também muito para dar neste encontro. Pode até mesmo descortinar à comunidade novas formas de vida. Pode atuar como um fator de renovação da sua maneira de ser. (...) O fenômeno das migrações afeta criticamente a vida da Igreja e pode ser instrumento da graça, forçando-a a reconsiderar a validade de suas formas de estruturação.

Forçoso, porém, é admitir que de modo geral a Igreja tem estado ausente do setor das migrações. As instituições eclesásticas, por exemplo, são praticamente alheias ao fenômeno. Tomam conhecimento quando procuradas pelos recém-chegados. Estes, quando as procuram, passam a frequentá-las e serão arrolados mais tarde como membros. E o processo de relacionamento da nova igreja com o migrante pára aí. Por outro lado, grande número de paroquianos vindos do interior, quando chegam, não procuram a Igreja nem são procurados. E são exatamente os mais necessitados. Podemos dizer que mesmo os cristãos de vanguarda não têm conseguido organizar um ministério efetivo para esse tipo de problema.

No entanto, o ensino apostólico sempre orientou a Igreja no sentido da presença entre os sofredores. É o que aprendemos de Paulo, aquele homem que conhecia de experiência as peripécias da peregrinação pelo mundo. Para ele, o que caracteriza a forma de vida cristã é a forma despreocupada, humana e servicial do próprio Cristo em sua encarnação.

(...) Este sentido de identificação com os migrantes deve nos desafiar como parte da Igreja viva do Cristo que não veio

para ser servida mas para servir; que não esperou ser buscada mas foi em busca; que não selecionou áreas de serviço mas deu preferência aos mais necessitados. Ser cristão é corresponder a essa demonstração de amor que nos leva a Cristo onde ele está. Fugir à situação do migrante é fugir ao próprio Cristo.

Já é quase lugar-comum a repetição de quão desumanas são as condições em que são atirados os migrantes ao chegarem à cidade. O que raramente se diz é que a situação de onde vieram era ainda mais desumana. (...) O homem nessa situação não tem muita escolha. Sai da sua terra porque não agüenta mais.

(...) O cristão, porém, tem de encarar o fenômeno dentro de uma perspectiva humana e lutar para que o mesmo se desenvolva dentro desta perspectiva. O problema deverá ser equacionado, em parte, em termos de desenvolvimento das áreas rurais. É o que demonstra a recomendação da encíclica *Mater et Magistra*, do papa João XXIII: "Em primeiro lugar, cada um deve empenhar-se (...) para que os meios rurais disponham, como convém, de serviços essenciais: estradas, transportes, comunicações, água potável, habitações, cuidados médicos, instrução elementar e formação profissional, serviço religioso, recreação e, também, tudo o que é necessário à casa rural para seu arranjo e sua modernização. Se tais serviços (...) faltam nos meios rurais, o desenvolvimento econômico e o progresso social tornam-se quase impossíveis ou muito lentos, daí resultando o êxodo quase irresistível e dificilmente controlável, das populações do campo".

Se o cristão vai levar a sério as suas responsabilidades para com a questão migratória, o que poderá fazer, antes de mais nada, é procurar obter uma visão da situação em todas as suas dimensões. A seguir, deverá agir sempre com o cuidado de não se deixar dominar por um espírito de assistencialismo puro e simples, que o impeça de atacar a raiz dessa questão. Seja, porém, qual for o alcance das suas considerações e atitudes, não será justo passar de largo farisaicamente sobre as vítimas de uma estrutura injusta que reclamam atenção imediata.

Conclusões

Os itens que seguem constituem as principais conclusões do estudo realizado:

- O fenômeno das migrações internas é de origem preponderantemente socioeconômica. Reflete a existência de desajustes sociais, de inconformidade com as condições de vida existentes. (...)
- Não havendo o necessário desenvolvimento do setor secundário, a mão-de-obra que se desloca, desqualificada, não é absorvida, criando-se todo o processo de marginalização. (...)
- O crescimento desordenado das cidades é fruto, em sua maior porcentagem, do fenômeno de migrações. Os centros urbanos, não podendo fazer frente a um crescimento tão acelerado, entram em sérias crises de deficiência. (...)
- As migrações internas, representando um protesto contra as arcaicas estruturas socioeconômicas vigentes, especialmente no campo, atuam como elementos de pressão contra a estrutura atual.
- O distanciamento evidente entre as zonas urbanas e rurais com referência aos níveis de bem-estar social necessita ser reduzido.
- As migrações internas olhadas como consequência de uma situação de desajuste social, entretanto, a longo prazo atuam como fator dinâmico de progresso social. Para a sua compreensão devem ser estudadas as causas que expulsam a população de seu habitat e os fatores que lhe servem de atração.
- As migrações internas, em muitos casos, vão permitir que parte da população, que não tinha participação na vida comunitária nacional, venha a se tornar membros ativos, conscientes de seus direitos e deveres.
- As formas desumanas como se processa o fenômeno das migrações devem impressionar a todas as forças da sociedade. (...) A ação da Igreja em favor do migrante não deverá constituir-se em atitude paternalista ou tranquilizadora. Deverá ser, antes, uma contribuição no sentido de capacitá-lo para uma nova situação de vida. Deve ser um sinal de sua presença e participação. Este serviço deve envolver sempre que possível toda a comunidade, sem sentido sectário e planejado tecnicamente.

Hino do amor

(1 CORÍNTIOS 13)

Pedro Casaldáliga

Se eu tivesse em mim
todas as emissoras
e os palanques de *rock* do mundo inteiro
e os altares e cátedras e os parlamentos todos,
mas não tivesse Amor
eu seria... ruído só, ruído no ruído.

Se eu tivesse o dom de adivinhar
e o dom de encher estádios
e o dom de fazer curas
e uma suposta fé,
capaz de transportar qualquer montanha,
mas não tivesse Amor,
eu só seria... um circo religioso.

Se eu distribuísse
os bens que ganhei mal — quem sabe, quem não sabe?
— em cestas de Natal
e em propalados gestos caridosos
e fosse até capaz de dar minha saúde
em pressas e eficácias,
mas não tivesse Amor,
eu só seria... imagem entre imagens.

Paciente é o Amor e prestativo, como um colo materno.
Não tem inveja nem se vangloria.
Não busca o interesse como fazem os bancos:
sabe ser gratuito e solidário como a mesa da Páscoa.

Não compactua nunca com a injustiça, nunca!
Faz festa da Verdade.
Sabe esperar, forçando corajoso as portas do futuro.

O Amor não passará, passando tudo o que não seja ele.
Na tarde desta vida nos julgará o Amor.

Criança é a ciência e engatinha,
criança é a lei, brinquedo o dogma;
o Amor já tem a idade sem idade de Deus.
Agora é um espelho a luz que contemplamos,
um dia será o Rosto, face a face.
Veremos e amaremos como Ele nos vê, como nos ama!

Agora são as três:
a fé, que é noite escura;
a pequena esperança, tão teimosa;
e ele, o Amor, que é o maior.
Um dia, para sempre, além de toda noite e de toda
espera,
já só será o Amor.

Dom Pedro Casaldáliga é bispo de São Félix do Araguaia (MT).

Poesia

